



A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A APRENDIZAGEM DOS JOVENS DAS ESCOLAS PÚBLICAS DA CIDADE DE SANTA MARIA-RS

Vergínia Medianeira Dallago Rossato - UFSM¹

Félix Alexandre Antunes Soares - UFSM²

Nara Vieira Ramos - UFSM³

Resumo: Este trabalho foi realizado com jovens que cursavam o ensino médio em escolas públicas em um Município do Sul do Brasil em 2010. O mesmo teve como foco a violência doméstica (VD) que estes sofrem e as dificuldades de aprendizagem que possam estar relacionadas a estas vivências. A pesquisa integra a 2ª etapa de um estudo iniciado em 2009 e que teve a participação de 376 jovens. A partir deste grupo foram selecionados jovens que gostariam de discutir sobre o tema violência e aprendizagem. A metodologia utilizada foi de cunho exploratório qualitativo, sendo realizados 6 grupos focais, com um total de 27 jovens. Foram feitos 1 grupo em cada uma das regiões do Município, ou seja, centro, rural, norte, sul, leste e oeste. Os encontros foram gravados e posteriormente transcritos. A análise apontou inúmeras situações relatadas, categorizadas conforme os diferentes tipos de VD, assim como pontuamos questões levantadas que envolveram a aprendizagem e o insucesso escolar. O estudo novamente confirma que a violência que os jovens sofrem, influencia a relação que tem com o processo de aprendizagem, e que eles têm um papel ativo reconhecendo situações de violência e tentando buscar alternativas para conviver melhor com as tensões. Nos espaços família, escola, comunidade surgem às experiências relacionais em que são utilizadas a violência, sendo que a ênfase maior foi para a violência psicológica no espaço doméstico. No entanto defendemos que as discussões dos comportamentos inadequados e alternativas mais saudáveis e solidárias de relacionamentos deverão fazer parte de todos os grupos de convivência social.

Palavras-chave: Jovens, Escolas Públicas, Violência Doméstica, Aprendizagem.

Introdução

O presente estudo faz parte de uma pesquisa realizada com jovens de ensino médio da cidade de Santa Maria, localizada no interior do Rio Grande do Sul. O município caracteriza-se como um pólo em educação onde os jovens moradores das cidades vizinhas e outros estados optam para cursar o ensino médio e posteriormente ingressar no ensino superior, já que a cidade possui várias universidades sendo uma de nível federal.

¹ Doutoranda do Curso de Educação em Ciência: Química da Vida e Saúde pela UFSM.

² Professor Adjunto do Departamento de Química, UFSM-RS, Brasil.

³ Professora Adjunta do CE-UFSM, Brasil.

O diálogo dos grupos focais faz parte de uma pesquisa que iniciou em 2009. Na primeira etapa foi aplicado um questionário a 376 jovens, que frequentavam o ensino médio em 12 escolas estaduais do município. Foi acordado o diálogo e o aprofundamento dos participantes sobre o tema violência e se esta interferia no processo de aprendizagem. Desta forma, foi realizado um grupo focal em cada escola das diferentes zonas do município - centro, rural, leste, oeste, norte, sul entendendo que os diferentes contextos poderiam apontar diferentes vivências.

A proposta de estudar, escutar e buscar compreender a juventude e suas vivências, foi uma tarefa complexa, uma vez que há uma tendência no mundo “adulto” de criticar e massificar em relação a esta etapa de vida, porém sabe-se que o jovem trás o ímpeto de mudanças, questionamentos e vontade que muitas vezes estão opacificadas na população adulta, que goza de uma estabilidade alicerçada em um paradigma de “certezas”, “previsibilidade” e supremacia em relação aos jovens.

Assim os desconfortos, mudanças, confrontos, perplexidades, desafios de um modo geral provavelmente vão aparecer através dos jovens, veículos potenciais representantes do que impera na realidade vivida.

Nosso estudo organizou as falas dos jovens utilizando o conceito de violência doméstica e seus diferentes tipos com o objetivo de *Discutir e analisar a situação de violência doméstica vivenciada por jovens das escolas pública de ensino médio de Santa Maria/RS-Brasil e sua relação com possíveis dificuldades de aprendizagens na escola.*

METODOLOGIA

A metodologia adotada foi de cunho exploratório qualitativo, a qual teve como cenário 06 escolas estaduais de ensino médio da cidade de Santa Maria - Rio Grande do Sul/Brasil. O projeto teve aprovação do Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob parecer de nº 00890243000-09. O município é dividido em cinco regiões e zona rural, em 2006 haviam 21 escolas estaduais distribuídas nas regiões da cidade, a saber: norte, sul, leste, oeste, centro e zona rural. O total de sujeitos participantes foram 27 jovens que aceitaram participar dos grupos focais e cursavam o ensino médio em 2010, em uma das escolas estaduais sorteadas. Conforme opção para participação dos grupos feita na 1ª etapa da pesquisa foi possível realizar um grupo por região e outro na zona rural. A proposta da reunião de grupos foi para que fosse aprofundada a discussão, se a violência sofrida pelos

jovens trazia influencia em sua aprendizagem. Para a análise qualitativa, foi utilizada a análise de conteúdo (BARDIN, 1979) e para determinar as categorias utilizamos o software ATLAS-ti.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os sujeitos participantes dos grupos eram de turmas diferentes, porém da mesma instituição, assim iniciamos o grupo explanando o conceito de violência doméstica e os diferentes tipos.

Para determinar as categorias utilizamos denominações baseadas em duas classificações feitas para Violência Doméstica, ou seja, física, psicológica e emergiu outras duas categorias, comportamentos criativos, aprendizagem e insucesso escolar. Foram relatadas na parte que trata da discussão e resultados algumas das falas dos grupos, elas estão transcritas em itálico.

Descrevendo a primeira categoria a **violência física** que se caracteriza por ação que cause dor física em uma criança ou adolescente, desde “um simples” tapa até um espancamento fatal, representa um ato contínuo de violência (MS, 2009, p. 27).

Nos relatos a presença de autoridades como facilitadora da interrupção do ciclo da violência foi trazido ao grupo que *uma criança que o pai batia quando alcoolizado só teve fim quando a mãe chamou a polícia*. A situação violência e a fragilidade é apontada por Minayo, (2003) como um fenômeno que atinge mais crianças e adolescentes, seja pela sua vulnerabilidade e dependência ou pela relação de poder que impera no contexto familiar.

Na família, situação semelhante apareceu quando ocorreu a interferência do filho para que o pai parasse de agredir fisicamente a mãe, onde: *meu pai alcoolista saia à noite e voltava alterado, agredia física e psicologicamente aos familiares. Ele ficava agressivo com a mãe agredia ela fisicamente, eu não aceitava o porquê da mãe continuar com o pai; eles casaram com 15 e 18 anos. Quando meu irmão tinha 15 anos, numa briga do pai e da mãe ele se meteu pra defender a mãe e então ele começou a mudar. Na escola eu desabafava com minhas amigas e sabia que uma delas vivia uma situação semelhante e o pai até batia nela*.

Compartilhar e buscar apoio a situação de sofrimento desta jovem era realizado com as colegas de escola, ela procurava seu equilíbrio nestas relações, se tranquilizava ao saber que sua colega *era até agredida fisicamente*, ela por sua vez era agredida psicologicamente e via sua mãe sofrer agressão física. Esta situação mesmo trazendo reflexo na escola não foi compartilhada com os professores.

Entre os irmãos foi referida brigas, bem como em outro caso de maneira crítica aparece à interferência do pai para que não fosse usada violência física, *meu pai que é militar é muito exigente e não deixa os filhos brigarem, na família predominam os xingamentos*. Em outra situação apareceu também de que *tenho um irmão de 12 anos que incomoda muito, mas eu não bato nele*. Fecharam com a observação de que *irmão pré-adolescente é um problema*. Observa-se que em relação aos meninos apareceram brigas, porém com ímpeto menor para a agressão física.

Em relação à zona sul o local foi apresentado como violento e houve relação da violência com o uso de substâncias químicas, foi exaltada também a falta de medidas de coerção com maior rapidez, de acordo com um aluno: *Lá tem a lei própria: já vi tiro, facada, trabalho numa mecânica, mas não posso falar, pois comigo esta tudo bem. A polícia nem vem, ou demora demais, e daí as coisas já se resolveram ali mesmo. Tem muito uso de crack e outras drogas*.

Para Melucci (1997, p. 7-8) quando se refere ao uso de drogas defende que “nas nossas sociedades, no entanto, o extremo exemplo das drogas representa um sinal dramático o mais significativo e ambíguo sintoma de diferença entre tempo externo e tempo interno”.

O ambiente escolar foi trazido como um local bom, porém há situações isoladas de violência, *na escola alunas brigaram a ponto de uma ir parar no hospital* e em outra ocasião esta visão foi novamente trazida: *Na escola os colegas se respeitam, só no ano passado tinha um colega que agredia os outros, debochado, desrespeitador, esbravejava, se vangloriava, vinha pra aula só pra incomodar, não estudava e não deixava os outros estudarem. Mas os colegas e professores se mobilizaram e ele acabou saindo da escola*.

Esta situação foi relatada em relação a um sujeito, que parece ter perturbado as relações na escola, assim recorro a Abramovay et al. (2002, p.79) que alerta que “o foco do problema não se encontra onde muitas vezes aparece nos jovens, senão na distância que os jovens têm da escola, de seus pares, considerados por eles mesmos como indisciplinados”. Aqui aparece uma situação que não pode ser contornada e o jovem não ficou mais na escola. Sposito (2005) que alerta que as dificuldades vivenciadas nas escolas inclui mecanismos perversos intra/extra escolares levando a exclusão de grande parte da população juvenil dos direitos educativos.

A segunda categoria que emergiu foi à **violência psicológica** que é definida como toda forma de rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, cobrança exagerada, punições humilhantes e utilização da pessoa para atender às necessidades psíquicas de outrem. É toda ação que coloque em risco ou cause dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento

da pessoa. Esse tipo de violência também pode ser chamado de violência moral (MS, 2009, p. 27).

Em uma das falas apareceu que a violência psicológica *diminui as pessoas e aniquila elas, e estas informações ficam gravadas na mente e a criança se acha incapaz, houve caso em que observamos no estágio que uma criança que era chamado de burro em casa, na sala de aula demonstra inquietação e falta de concentração. Uma vez ela acertou um exercício de matemática e quando fizemos elogio a ela, apagou o que havia feito e disse “não pode eu sou burro”*.

Demonstrando a gravidade deste problema Hirigoyen (2000) conceitua violência psicológica como um processo real de destruição moral, e que é possível destruir alguém apenas com palavras, subtendidos: um verdadeiro assassinato psíquico.

Na convivência com usuário de álcool foram demonstrados sentimentos ambivalentes de preocupação pelo pai estar na rua e poder estar correndo risco e o medo da chegada dele em casa e do que poderia acontecer, onde: *Meu pai saía à noite e voltava alterado, agredia psicologicamente. Eu enquanto filha com 7 ou 8 anos ficava preocupada com o que poderia acontecer com ele na rua, e até que ele voltava, mas aos poucos a preocupação era com o retorno dele, como ele ia chegar e o que poderia acontecer.... Com 10 anos comecei a ter medo. O pai saía do trabalho chegava em casa e saía pra rua, eu e minha mãe não dormíamos de preocupação, de medo, e pela manhã cansada não conseguia me concentrar nos estudos, fazer os trabalhos.*

Assim, foram inúmeras as situações relatadas que evidenciaram os conflitos entre a mesma geração e gerações diferentes. Para Sarti (2004), a família, um universo de relações de trocas e complementações, tem o jovem à figura privilegiada que introduzem outras, experiências, outras pessoas que fazem parte de seus grupos de pares, e que são para eles significativos. De qualquer maneira, para os jovens, a família é uma esfera de suma importância, em virtude de se firmar como espaço de afetividade e também de conflitos. Para a autora, situações mais graves como a violência e o uso de drogas, que envolvem situações familiares são projetadas nos jovens, e, no entanto são sinais de que no espaço familiar há dificuldade de lidar com os conflitos.

No convívio da sala de aula há muito barulho bagunça *tem muita agitação na sala de aula, já assinei a ata por 04 vezes, sendo que 01 vez é pra chamar a atenção; 02 leva uma hora de sermão com os professores e direção; 03 é pra chamar os pais e responsáveis e falar tudo depois há risco de expulsão.* Esta observação foi lincada com a dificuldade que tais atitudes trazem a aprendizagem e que tais acontecimentos dificultam a atuação dos

professores. Sobre este fato nos valemos de uma pesquisa realizada em escolas públicas que as autoras defendem que “ao mesmo tempo em que a escola é palco de violência exterior a ela (como o tráfico de drogas, por exemplo), é produtora de violências, decorrentes das dinâmicas estabelecidas no ambiente escolar” (ABRAMOVAY; CUNHA; CALAF, 2010, p. 279).

Na convivência entre os jovens na escola na zona norte houve reclamação de que há *muita brincadeira, uns pegando no pé dos outros, gozação com a questão da homossexualidade com colegas, sinto que há preconceito com a cor nas brincadeiras dos colegas e não gosto, o que há mais aqui é bullying*. Ao se referir ao *bullying* Ferreira et al. (2009), defendem que esta situação gera muita angústia as vítimas e tende a ser pouco valorizada pelos adultos, havendo mobilização em situações que se tornam críticas. Em relação à escola as autoras sugerem que o fenômeno seja discutido na comunidade escolar, tornando os professores mais atento para o fato bem como buscar estratégias para melhorar o relacionamento entre os alunos.

Assim os jovens opinam que é difícil conviver e defendem que: *A violência maior que existe é dos alunos com os professores, no sentido de fazerem muita bagunça. E este grupo e essa turma que faziam muita bagunça conversaram entre si e optaram por mudar os rumos das coisas e se acalmarem um pouco mais*.

Na visão de Sposito (2005, p.116) parece que os jovens a partir de sua experiência escolar, consideram que “aprender ou não ainda constitui, principalmente, um problema de natureza pessoal, muito mais decorrente do esforço do que derivado das condições em que se realizam o processo de ensino e aprendizagem e as desigualdades sociais”.

Os jovens ao se referirem à educação mostraram-se sensíveis a situação dos professores *a família cobra dos professores educação que muitas vezes deve ser dada em casa*. Aqui mais uma vez apareceu a compreensão dos jovens em relação ao trabalho, transtornos e exigência feitos ao educador.

Na etapa já relatada anteriormente, da pesquisa apontamos os índices mais elevados de agressores para os pais/familiares com 9,8%, terceiros com 9,0%, Estado com 8,6% e assaltantes com 8,6%. Observou-se que a violência doméstica (pais e familiares) apareceu como sendo a mais elevada, assim, inferimos que a violência psicológica, que alcançou o índice mais alto entre as violências é cometida por pessoas que têm convivência próxima aos jovens. No diálogo com os grupos, houve a confirmação dos dados, pois observamos nas falas as queixas principalmente em relação ao comportamento do pai e a relação conflituosa com os irmãos.

A terceira categoria que emergiu, denominamos **comportamentos criativos**, nela foram agrupadas situações de irritabilidade enfrentada pelos jovens, e que estes buscam alternativas saudáveis, que não causem prejuízo na relação consigo e com as outras pessoas.

Na zona rural, os jovens relataram suas inquietações, insatisfações e como lidam com estes dissabores *quando fico nervosa, caminho ando a cavalo outra escreve pra se acalmar, e se concentra mais com o barulho*. Um jovem deste local falou *jogo bola para aliviar as tensões*, quando ele falou sobre seu comportamento uma colega sorrindo afirmou que ele *desconta nos objetos; desconta na própria mochila*; ele balançou a cabeça e completou dizendo *caminho no campo; deito na grama e olho pro céu*. O estudo apontou diferença da postura dos jovens no meio rural, demonstrando que neste local os jovens apresentam esta integração interna/externa em uma melhor sintonia.

Como quarta categoria foi agrupada situações relacionadas à **aprendizagem e insucesso escolar**, a reprovação muitas vezes desperta sentimentos negativos nas pessoas que viveram a experiência, minando a autoestima dos jovens. Para Abramovay e Castro (2003), as autoras relatam que os depoimentos dos jovens que tratava deste tópico, trouxeram sentimentos de decepção, frustração, tristeza, vergonha e rejeição por não terem passado de ano.

No início do grupo os jovens se posicionaram defenderam *de que sofrer violência prejudica na aprendizagem*. Estas falas confirmam os resultados da primeira etapa da pesquisa em que encontramos os índices de 31,5% dos jovens que afirmou ter sofrido violência e destes 66,1% reprovaram. Ainda as dificuldades que eles apontaram como pessoais tiveram correlação significativa para a reprovação. Com o cruzamento feito entre as dificuldades apontadas e violência, observou-se que a dificuldade pessoal é influenciada pela violência que o jovem sofre.

As formas como os professores se posicionam em sala de aula e como ministram as disciplinas foi trazida pelos jovens *prá professora de química falta base para ensinar; fica contando a vida pessoal na sala de aula e usando os alunos em benefício próprio (arrumar o carro)* e ainda *a professora de história leva tudo pro lado pessoal. E a de sociologia não aceita opinião dos alunos, dá duas matérias e mistura tudo*.

Em grande parte no final destas falas apareceu *eu reprovei*, neste provavelmente os jovens estão fazendo vinculação destas vivências com a reprovação. Assim como criticam o modo dos professores se comportarem, também se mostram preocupados com eles *a professora de história é muito rígida, impõe medo nos alunos, uma ditadura, mas ela mistura os problemas pessoais, é muito desconfiada, mas ta passando problemas financeiros e já foi*

vitima de preconceito com a cor. Resgatamos aqui um conceito de violência utilizado em estudo realizado sobre nas escolas, de que violência “é toda a ação que impede ou dificulta o desenvolvimento. Se pensarmos a escola como espaço propiciador do desenvolvimento, a violência representa a própria negação da instituição escolar” (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p.22).

Em relação ao que falam os jovens dos professores evidencia-se a contribuição de Sposito (2005) que em seu estudo trouxe que apesar da crise nas escolas e as dificuldades dos jovens, em assimilar conteúdos devido às condições precárias da rede de ensino principalmente pública, a confiança nos professores é apontada com intensidade, situada logo após a família.

Quanto às reprovações apareceu a constatação de um jovem de que suas dificuldades advêm da diferença em que são tratados os conteúdos nas escolas *tenho dificuldades na matemática e química devido à falta de base, pois vim de outra escola. O que faço agora é correr atrás para poder acompanhar.* Necessário se faz comentar que um dos fatores apontados para a reprovação é a falta de adequação curricular à realidade dos estudantes (ABRAMOVAY; CASTRO, 2003).

Nesta outra situação é demonstrado o aumento do grau de complexidade em relação ao avanço dos estudos *tenho dificuldade em matemática, por falta de estudo, achava que era fácil, à medida que avancei de ano os temas foram ficando mais complexos.* Para Charlot (2000) há necessidade de mediações entre as origens sociais e a trajetória escolar, desta forma deveria estar incluído no trabalho escolar perceber e agir em relação ao sentido de ir a escola e aprender para o aluno.

Surgiu um misto entre a falta de tempo devido o trabalho e a percepção de que também seria o responsável pelo fracasso escolar *tenho dificuldades com o estudo, rodei o ano passado pelo trabalho. Chegava em casa e vinha correndo para aula e também é falta de vontade, daí faltava aula, até corri atrás, mas não consegui passar de ano. Agora não trabalho mais.* Em outro caso o jovem afirma que a reprovação ocorreu porque *atrapalhava muito a aula.* Para Perez (2003), tentar entender a evasão escolar é analisar um sistema extra e intra institucional que expulsa o jovem, devido à precarização de sua condição de vida. Como fator extra escolar a autora cita a situação econômica e a necessidade do jovem incorporar-se ao mundo do trabalho, tornando-se difícil combinar trabalho e escola. Lembramos aqui também outro fator e que é externo a escola e que contribui para o fracasso escolar é o pouco envolvimento da família na vida escolar dos filhos (CHARLOT, 2000).

Os jovens comentam sobre a evasão escolar *o ano letivo começa com 31 alunos, hoje tem 14, assim como o índice de desistência é muito grande. A turma começou cheia e hoje só tem 16 alunos.*

No que se refere ao aproveitamento escolar Social et al. (2003) argumentam que a repetência escolar é um grave problema, e os fatores que podem levar ao fracasso escolar podem estar associados a questão socioeconômica, a violência doméstica, o fato da escola não rever as suas práticas pedagógicas e de, muitas vezes, não ser um local atraente para os estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jovens que participaram dos grupos pertenciam a mesma escola porém de turmas diferentes, esta situação pode ter interferido na dificuldade que sentimos em manter o diálogo em torno da violência doméstica e aprendizagem como pretendíamos. Notamos que o foco do diálogo em 5 locais ficou mais direcionado para as relações com os irmãos, professores, colegas e comunidade.

Do interior das famílias estas experiências foram trazidas como situações que atrapalhavam a aprendizagem escolar, uma vez que interferiram no descanso da criança, concentração e com o passar do tempo, surgiram o medo e a insegurança do que pode ocorrer quando o pai chegasse em casa ou quando o pai permanecesse na rua, assim qualquer situação que ocorresse seria angustiante. Da mesma forma são relatadas tanto na família como em relação ao estado que foram necessárias providências tais como denúncias, ou postura que o filho adotou quando passou a ser jovem e assim pode confrontar o pai que agredia a esposa/mãe.

Se formos observar as situações de violência foram mais focadas na esfera familiar, porém apareceram casos que envolviam a vizinhança e o trabalho. Notamos também que a violência sexual relatada é percebida como uma forma grave de violência.

A violência psicológica nas falas é trazida como muito frequentes, dolorosas e percebe-se que mesmo tendo este impacto na vida dos jovens, eles sabem que geralmente esta permanece “invisível”, claro que não para quem estuda o tema e nem para quem sofre esta violência.

Apontamos como comportamentos criativos, situações trazidas pelos jovens da zona rural de desconfortos e de como lidavam com estas para não criarem problemas maiores.

O item que trata da aprendizagem e fracasso escolar ficou em torno da forma como os professores ministram as aulas, muitas vezes confusa e em outras situações trazendo assuntos que seriam do âmbito doméstico. Apareceu sensibilidade em relação ao professor que tem de suportar muito barulho e comportamentos não muito sociáveis destes, assim como reflexão em relação ao comportamento agitado dos jovens que perturbam a concentração dos colegas e o próprio desempenho. Houve queixas em relação aos colegas de *bullying*, situação trazida como constrangedora e que causa irritabilidade.

Os alunos ficaram divididos entre o incomodo de poder estar se esforçando um pouco mais para ter sucesso na escola e a dificuldades que enfrentam. Foram apontadas dificuldades advindas de outras experiências escolares não muito satisfatórias, e, causadoras de problemas no presente, dificuldade de estar na escola e ter que trabalharem dificuldade de acompanhar a complexidade dos temas, quando avançam a escolaridade, porém estes fatores foram trazidos acompanhados no final da expressão de que talvez pudessem ter dado um pouco mais de si para obter melhores resultados.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, UCB. 2002.

___; CASTRO; M.G. **Ensino Médio: Múltiplas Vozes**. Brasília: UNESCO, MEC, 2003.

___; CUNHA, A, L.; CALAF, P. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. 2.ed. Brasília: RITLA-SEEDF, 2010.

___; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Instrutivo de preenchimento da ficha de notificação/investigação de violência doméstica, sexual e/outras, violências**. Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em: http://www.dive.sc.gov.br/conteudos/agrivos/Dant/Instrutivo_Violencias.pdf. Acesso em: 26 dez.2011.

CHARLOT, B. **Du rapport au savoir: elements pour une théorie**. Paris: Anthropos, 2000.

HIRIGOYEN, M.F. **Assédio Moral: a violência perversa no cotidiano**. Rio de Janeiro: Bestrand Brasil, 2000.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Rev. Brasileira de Educação**, 10 mai/jun/jul/ago, 1997, n 5, set/out/nov/dez, 1997, n. 6, Publicado em: Revista Young. Estocolmo: v. 4, nº 2, 1996, p. 3-14.

MINAYO, M.C; DE SOUZA, E; R. **Violência sob o olhar da saúde a infrapolítica da contemporaneidade brasileira**. R.J: Fiocruz, 2003.

PEREZ, M. L. Escola e culturas juvenis. A experiência chilena. In: **Políticas públicas: Juventude em pauta**. FREITAS, M.V; Papa, F,C. São Paulo: Cortêz: Ação Educativa Assessoria, pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003.

RAMOS, N.V. **Escola e rua: jovens egressos recontam esta história**. Santa Maria: Editora Pallotti, 2006.

SARTI, C. A. **A família como ordem simbólica**. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n3/24603.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2011.

SOCAL, E. et al. **Pesquisa Diagnóstico sobre crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social em Santa Maria/RS: Construindo Cidadania**. Santa Maria: Gráfica e Editora Pallotti, 2003.

SPOSITO, M. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 87-127.